



## JONAS E O TRANSPLANTE CARDÍACO: O SUJEITO PARA ALÉM DE EXIGÊNCIAS PROTOCOLARES

Eixo Horizontal: EH3: SUBJETIVIDADE, SOFRIMENTO E URGÊNCIA SUBJETIVA

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Diego Alonso Soares Dias;

A proposta de trabalho em questão se baseou na atuação de um psicanalista em um hospital geral. Trata-se de uma reflexão elaborada a partir de um caso clínico (Jonas), atendido regularmente ao longo de aproximadamente dois meses. O sujeito abordado encontrava-se internado em estado grave para tratamento cardíaco. A gravidade era tanta que se tornou necessária sua inscrição na fila de urgência para o transplante cardíaco. Para isso, o paciente deveria se submeter a algumas entrevistas psicológicas. Temos, portanto, um caso grave, sem demanda explícita de atendimento psicológico ou analítico. O “Serviço de Psicologia e Psicanálise” é acionado para satisfazer necessidades protocolares. Nesse sentido, surgem as perguntas: é suficiente ao analisa, em seu posicionamento ético, satisfazer-se com tal solicitação de intervenção? Seria possível, nessa situação, um manejo do caso que busque a passagem de exigências protocolares para as questões que nos remetem ao sujeito em sua singularidade? Interessa-nos sustentar que ao longo do trabalho de escuta foi possível subverter a demanda inicial apresentada pela equipe para o caso de Jonas. A exigência protocolar, que dizia da necessidade de Jonas ser avaliado não se configurou como a tônica do trabalho. A escuta realizada ao longo da internação não tomou um viés adaptativo, isto é, em que o que estava em jogo era a tentativa de tornar o paciente um candidato ideal para o transplante, com uma perfeita adesão aos cuidados propostos. Observamos que ainda que o sujeito, a princípio, tenha se mostrado desconfiado com o convite a fala, mudanças na maneira como lidava com a internação ocorreram. Jonas, ao ser escutado, pode iniciar, a sua maneira, um trabalho subjetivo. Se, no primeiro contato, apesar de aceitar a abordagem, ele tenha se mostrado arredo, manifestando certa hostilidade em relação ao atendimento, posteriormente essa situação se modifica. O sujeito mostra-se mais receptivo aos atendimentos, abordando temas que se relacionam a reflexões feitas por ele, livros que lhe interessam, e, por vezes, situações familiares e hospitalares. Ainda assim, sobre o transplante, quase nenhuma palavra. Junto a isso, Jonas mostra-se mais amistoso. Queixas da equipe direcionadas a ele diminuem, e o laço estabelecido com os indivíduos com os quais lida cotidianamente sofre modificações. Seu humor irritadiço se altera. Da parte de Jonas, pequenas confirmações, na maioria das vezes indiretas, indicavam que os atendimentos possuíam para ele uma função, chegando a dizer que nesses momentos ficava mais “animado”. Essa nova postura permanece inclusive após a realização do transplante, e durante os cuidados pós-cirúrgicos. Jonas, ao ser escutado, pode iniciar um trabalho subjetivo, que possibilitou a criação de uma nova maneira de lidar com seu tratamento e internação. Referências: Freud, S. (1996). Construções em análise. In: Freud, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho Original publicado em 1937). Lacan, J. (2010). O Seminário, livro 8: A Transferência. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Seminário proferido nos anos 1960-61).